



## O QUEFAZER EDUCATIVO DA TEORIA À PRÁTICA

Camila Perez da Silva<sup>1</sup>  
Ricardo Gavioli de Oliveira<sup>2</sup>

O processo de coordenação deste dossiê é fruto das atividades desenvolvidas durante o estágio pós doutoral e o doutorado, respectivamente dos autores, junto ao Departamento de Educação e ao Programa de Pós-Graduação da Universidade de São Carlos (UFSCar), a partir do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Subjetividade e Cultura (GEPESC), coordenado pela Profa. Dra. Maria Cecília Luiz.

A escolha da temática *Da formação de professores às práticas educativas: desafios e perspectivas*, aliada à proposta de divulgação da chamada para publicação em diferentes regiões do país: Mato Grosso do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Maranhão e Ceará, teve como objetivo evidenciar a riqueza expressa na diversidade educativa brasileira, possibilitando aos colaboradores, a oportunidade de apresentarem suas reflexões considerando diferentes perspectivas analíticas, tendo em vista a socialização e a problematização dos desafios enfrentados em suas pesquisas e práticas, nas mais diversas áreas do conhecimento.

A seleção das produções privilegiou a intrínseca relação entre teoria e prática, e a maneira como estes profissionais refletiram sobre os condicionantes políticos, econômicos, sociais e culturais que influenciam diretamente e/ou indiretamente na sua realidade educativa, possibilitando a compreensão da intencionalidade e o sentido orgânico de suas ações. Afinal, as práticas educativas não se resumem à aplicação simplista de teorias, mas envolvem embates e conflitos, cujo sentido emancipatório e de compreensão de mundo permitem elucidar novos mecanismos de ação, trazendo à tona formas inovadoras de atuação com potencial de superação dos desafios identificados.

As reflexões atribuem um sentido mais abrangente à ideia de ação, tensionando a relação teoria e prática em um processo de problematização típico da *práxis*, o que é essencial para a construção de novos saberes. A união dialética entre o que se reflete e o que se faz; entre ação e reflexão, revela a atividade “livre, universal, criativa e auto-criativa, por meio da qual o homem cria (faz, produz), e transforma seu mundo humano e histórico e a si mesmo”, sendo por este motivo “considerado como um ser da *práxis*”<sup>3</sup>.

Os saberes apresentados nos artigos e relatos de experiência resultam da interação dos sujeitos com o mundo, e implicam a ideia de atividade do sujeito e da relação deste com ele mesmo e com os demais sujeitos de seu contexto social.

Vale ressaltar que, embora haja “saber nas práticas, as práticas não são um saber”, pois não é o saber que é prático, mas sim, o uso que é feito dele a partir de uma relação prática com o

<sup>1</sup> Professora Adjunta I da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL). Pós doutoranda em Educação pelo Departamento de Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Subjetividade e Cultura (GEPESC/UFSCar).

<sup>2</sup> Diretor do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL). Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Subjetividade e Cultura (GEPESC/UFSCar).

<sup>3</sup> PETROVIC, G. Práxis. In: **Dicionário do Pensamento Marxista**. Tom Bottomore. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.



mundo<sup>4</sup>.

Todavia, as práticas possibilitam perceber indícios que outros não perceberiam, dispondo de pontos de referência e de uma gama de respostas das quais outros estariam desprovidos; elucidam ferramentas de organização que permitem inclusive, a produção de novos aprendizados.

Adquirir saber permite assegurar-se um certo domínio do mundo no qual se vive, comunicar-se com os outros seres e partilhar o mundo com eles, viver certas experiências e, assim, tornar-se maior, mais seguro de si, mais independente [...] procurar o saber é instalar-se em um tipo de relação com o mundo, mas existem outros. Assim, a definição do homem enquanto sujeito de saber se confronta à pluralidade das relações que ele mantém com o mundo<sup>5</sup>.

Conforme destaca Charlot (2000), para entender esse “sujeito de saber” é preciso apreender sua relação com o saber, evidenciando as formas como esses sujeitos estabelecem novas relações, a partir de seu contexto social.

Neste sentido, a educação constitui um importante processo de apropriação parcial da essência excêntrica humana, que se concretiza a partir do conjunto das suas relações sociais, cuja complexidade abrange processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais, nas organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais, conforme apregoa o artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394 de 1996.

A educação é o ato de “produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens”<sup>6</sup>; é um complexo processo de formação humana, no qual os seres humanos são constituídos como humanos; um processo histórico e social de tornar humanos os seres humanos. É por meio dela que o ser humano constrói seu próprio ambiente, o que significa dizer que ele constrói sua própria cultura, estabelecendo normas e valores que alteram significativamente as relações sociais que vão sendo constituídas ao longo de sua história. É um processo relacionado a concepções de mundo que estão em consonância com ideias de uma dada sociedade em momentos históricos específicos; uma prática social situada em diferentes realidades, que permeiam a vida de maneira concreta.

O fim da educação não é vida completa, mas vida progressiva e em permanente mudança, vida em constante ampliação, em constante ascensão, entendendo mais educação. Esse ideal é não somente individual, mas também, como social. Isto é, o máximo desenvolvimento de cada um dirigido de modo que se assegure o máximo desenvolvimento de todos. Tal desenvolvimento progressivo e permanente constitui, a essência da vida perfeita<sup>7</sup>

O movimento de acesso aos saberes acumulados historicamente pela humanidade, em confronto com os saberes decorrentes da busca constante de compreensão de mundo de cada educador em particular, faz nascer novos conhecimentos, fundamentais para responder às indagações acerca de suas próprias condições educativas. Os efeitos da conexão entre esses diferentes conhecimentos, servem à uma formação intelectual que aprofunda a consciência acerca dos antagonismos presentes em seu contexto social.

Desta forma, os saberes profissionais dos educadores se consolidam no decorrer de suas práticas, com base na análise e reflexão das intervenções educativas concretas das situações de

<sup>4</sup> CHARLOT, B. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000

<sup>5</sup> CHARLOT, B. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

<sup>6</sup> SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

<sup>7</sup> WESTBROOK, R. B. **John Dewey**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.



ensino e aprendizagem<sup>8</sup>.

Por este motivo, o desenvolvimento profissional destes sujeitos, passa por fases que demandam formação permanente, com vistas à uma melhor qualificação intelectual. Esta profissionalidade envolve valores sociais e pessoais que se manifestam diretamente no ato de ensinar e aprender.

O aprendizado do ensinante ao ensinar se verifica à medida em que o ensinante, humilde, aberto, se ache permanentemente disponível a repensar o pensado, rever-se em suas posições; em que procura envolver-se com a curiosidade dos alunos e dos diferentes caminhos e veredas, que ela os faz percorrer [...] ao ensinar, não como um burocrata da mente, mas reconstruindo os caminhos de sua curiosidade [...] o ensinante que assim atua tem, no seu ensinar, um momento rico de seu aprender<sup>9</sup>.

Tais aprendizados, porém, não se resumem à mera socialização de práticas pedagógicas, nem visam a replicação reducionista das ações apresentadas, o que aliás, seria inviável em função das especificidades de condições, estruturas e conhecimentos disponíveis de um contexto para outro. Eles possibilitam a enunciação das contradições que podem vir a ser enfrentadas na realidade educativa de cada um, em especial, daquelas que contribuem para a dissociação entre teoria e prática.

Aprender é uma atividade de apropriação de um saber que não se possui, mas cuja essência é depositada em objetos, locais, pessoas. Essas, que já trilharam o caminho que devo seguir, podem ajudar-me a aprender, isto é, executar uma função de acompanhamento e mediação. Aprender é passar da não-posse a posse, da identificação de um saber virtual à sua apropriação real<sup>10</sup>.

A responsabilidade ética e política dos educadores no decorrer deste processo, aliada à formação permanente, constituem o *quefazer* crítico e criador, sobretudo, daqueles que procuram manter em sua atuação profissional, uma relação holística entre teoria e prática, como é o caso dos autores das produções que fazem parte deste dossiê.

<sup>8</sup> IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional**: formar-se para a mudança e a incerteza. São Paulo: Cortez, 2011.

<sup>9</sup> FREIRE, P. Carta de Paulo Freire aos professores. **Estudos Avançados**, v. 15, n. 42, 2001.

<sup>10</sup> CHARLOT, B. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.